



## OS DESAFIOS PARA ESTUDANTES E PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DO SÉCULO XXI E A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA DE PAULO FREIRE

**Patrícia Paula da Silva**

patricia.pasi@usp.br<sup>1</sup>

**Eduardo Donizete Giroto<sup>2</sup>**

egiroto@usp.br

### **Resumo**

*As universidades públicas, nos últimos dez anos, têm recebido um novo perfil de estudantes universitários. De um lado, observa-se o crescente aumento do acesso aos meios digitais, o que tem implicado, mesmo que desigualmente, em rápidas mudanças nas formas de pensar e se relacionar com o mundo, considerando que esses jovens recebem imensa carga de informações, são mais inquietos, realizam várias tarefas ao mesmo tempo e não têm a menor paciência para escutar um professor falando por horas seguidas. Por outro lado, a implementação e a ampliação das cotas sociais e étnicas nas universidades inclui no meio acadêmico um perfil de “estudante-trabalhador” que despense muitas horas do seu dia para se deslocar entre a moradia e a universidade, com dificuldades na leitura e compreensão dos textos obrigatórios das disciplinas e no aproveitamento, com qualidade, das atividades ofertadas pela universidade. Diante dessa realidade, o presente trabalho apresenta os resultados parciais de pesquisa de doutorado desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação de Geografia Humana, da Universidade de São Paulo, que tem como principal objetivo compreender as implicações deste novo perfil discente universitário nos processos de ensino-aprendizagem no ensino superior, tendo como recorte dois cursos de geografia, localizados na cidade de São Paulo. Neste trabalho, apresentamos os resultados das análises de entrevistas feitas com estudantes do curso de Geografia da Universidade de São Paulo, buscando compreender como os mesmos percebem as dificuldades cotidianas do ensinar-aprender na universidade, bem como traçar um perfil preliminar desses estudantes. A entrevista foi realizada em forma de “roda conversa”, com todos os estudantes juntos. Suas respostas foram gravadas e transcritas para a realização da análise. A partir dos resultados incipientes, identificamos que: todos os estudantes entrevistados se queixaram de se sentirem constantemente ansiosos com a quantidade de conteúdos que precisam dar conta, somado à enxurrada de novas informações recebidas diariamente pelas redes sociais. Também relataram se sentirem muito desconcentrados, especialmente, quando estão estudando e o celular está próximo. Enfatizaram ainda que, quando a leitura do texto não está rendendo, pois não estão*

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana – FFLCH/USP. Bolsista CAPES.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, na área de Estágio Supervisionado e Ensino de Geografia.

*compreendendo suas ideias e conceitos, acessar as redes sociais se torna quase inevitável. Outro dado interessante é que: dos 9 estudantes entrevistados, 8 deles eram oriundos da rede pública de ensino, sendo 4 cotistas, e todos eles alegaram ter dificuldades com a linguagem acadêmica e na leitura e compreensão dos textos básicos. Diante disso, grandes desafios são impostos, tanto às universidades, quanto aos professores e estudantes. A pedagogia freiriana, a partir de uma proposta de problematização da realidade e protagonismo dos estudantes, e a Geografia, a partir do seu conteúdo e temática fundamentais para a formação do profissional-cidadão, podem contribuir substancialmente nas práticas pedagógicas a fim de superar tais desafios.*

**Palavras-chave:** Era Digital, estudante-trabalhador, educação problematizadora.

## **Introdução**

Nos últimos 50 anos, o mundo tem passado por rápidas transformações socioeconômicas e culturais em decorrência dos avanços da Era Digital que marca um novo período da história humana, denominada por Milton Santos (2008) como o período técnico-científico-informacional. A partir desse momento ocorre um aprofundamento da integração entre ciência e técnica, o que, por sua vez, possibilita que o mercado, sob a égide capitalista, atinja a escala global. Graças ao avanço das tecnologias da informação e de transportes, o aumento da velocidade da circulação de pessoas, mercadorias e capital vem se dando de maneira cada vez mais intensa. É certo que esses fluxos e acessos não se dão de forma homogênea no território, mas ainda assim atingem a escala global.

Segundo Santos (2008) a informação passa a ser o vetor fundamental do processo social e o meio-técnico-científico-informacional é a “cara geográfica da globalização” (SANTOS, 2008, p.239). Para Lemos (*apud* Coutinho, 2014, p.10) a revolução digital implica “progressivamente, a passagem do *mass media* (cujos símbolos são a TV, o rádio, a imprensa, o cinema) para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação”. Isto é, os indivíduos se deslocam da posição de receptores passivos de informações para a posição de produtores (*blogs, sites, redes sociais*), difusores (compartilhando) e acumuladores de informações.

Desse modo, a sociedade atual vem sofrendo profundas mudanças - no seu modo de pensar, agir e se comportar - impulsionadas pela evolução das tecnologias e pela difusão do



acesso à *internet*. Certamente, tais alterações alcançam as salas de aulas: os professores recebem frequentes cobranças para que utilizem recursos tecnológicos em suas aulas para atrair a atenção dos estudantes. Ao mesmo tempo, os estudantes ficam o máximo de tempo que podem conectados, acessam: *Facebook, Instagram, Snapchat, Twitter, Youtube, WhatsApp*, dentre outros. Parece impossível dar uma aula de “Geografia da China” e competir com as redes sociais.

Alguns autores, como Prensky (2001), Veen e Vrakking (2009), entendem que os estudantes nascidos na Era Digital agem de maneira diferente dos nascidos na Era pré-Digital e demandam novos modelos de ensino-aprendizagem. Segundo esses autores, os estudantes inseridos na Era Digital são inquietos, desatentos e esperam aulas mais dinâmicas, querem ser mais ativos na sala de aula e interações mais concretas<sup>3</sup> com o conteúdo. Tais mudanças trazem importantes questões para a dinâmica do processo de ensino-aprendizagem também no ensino superior.

No caso brasileiro, tais mudanças ganham contornos específicos se somados a ampliação do acesso ao ensino superior, resultado da luta em defesa da adoção das cotas sociais e raciais, mecanismo de reparação histórico, que tem possibilitado às populações historicamente marginalizadas a garantia do direito à matrícula em universidades públicas. No entanto, parcela importante destes estudantes encontram dificuldades diante da dinâmica de ensino-aprendizagem, que pouco ou nada dialogam com os seus contextos socioespaciais.

Portanto, diante desta realidade, o presente trabalho objetiva apresentar os resultados parciais de pesquisa que objetiva compreender as implicações deste novo perfil discente universitário nos processos de ensino-aprendizagem no ensino superior, tendo como recorte dois cursos de geografia, localizados na cidade de São Paulo. Neste trabalho, apresentamos os resultados das análises de entrevistas feitas com estudantes do curso de Geografia da Universidade de São Paulo, buscando compreender como os mesmos percebem as dificuldades cotidianas do ensinar-aprender na universidade.

O trabalho encontra-se organizado da seguinte maneira: na primeira parte, retomamos os debates sobre as mudanças tecnológicas e suas implicações sobre o perfil dos novos discentes

---

<sup>3</sup> Parece fazer sentido num mundo exaustivamente digitalizado.

universitários. Após isso, apresentamos também breve discussão sobre o impacto da adoção das cotas sociais e raciais sobre o perfil destes estudantes. Em seguida, discutimos as entrevistas realizadas com os estudantes de Geografia da Universidade de São Paulo. Por fim, buscamos desenvolver a hipótese que norteia a construção de nossa tese de que os princípios da pedagogia de Paulo Freire podem contribuir no reconhecimento deste novo perfil discente, reconhecendo-o como sujeito no processo de ensino-aprendizagem.

### **A expansão do acesso à *internet* no Brasil**

A produção e o uso das novas tecnologias aumentam significativamente a competição entre as empresas, pois além de baixar os custos de produção, aumenta a produtividade. Desse modo, o acesso da população em geral aos dispositivos eletrônicos fica relativamente mais fácil, mesmo que se reproduzam padrões de desigualdade de acesso a estes bens. Segundo Coutinho (2014), em 2014 já existia mais celulares do que pessoas no mundo. No Brasil, segundo dados da ANATEL (Agência Nacional de Telecomunicações), nesse mesmo ano houve uma densidade de 1,3 aparelhos por pessoa. (COUTINHO, 2014).

No final da década dos anos 2000, o aumento do acesso à *internet* e a chegada ao mercado do *smartphone*, segundo Coutinho (2014), marca o início de uma nova era. O autor aponta os dados de 2013, da consultoria especializada Morgan Stanley, em que o Brasil aparece como o quarto país do mundo em quantidade desses aparelhos (70 milhões deles). Coutinho (2014) destaca as palavras de Castells “Com a difusão da *Internet*, uma nova forma de comunicação interativa surge, caracterizada pela capacidade de enviar mensagens de muitos para muitos, em tempo real ou não [...]” (p.10-11).

Dados do IBGE publicados pela revista Exame on line, em janeiro de 2018, mostram que entre 2005 e 2015<sup>4</sup>, o número de casas conectadas à *internet* aumentou cerca de 446%, saltando de 7,2 milhões para 39,3 milhões, totalizando 57,8% dos domicílios, em 2015.

---

<sup>4</sup> Medeiros (2009) destaca que, com a posse do presidente Luís Inácio Lula da Silva, em 2003, houve significativa mudança do discurso governamental quanto ao caráter distributivo da política de inclusão digital que, direcionava-se, predominantemente, para as classes C, D e E. “Na administração Lula, as políticas de combate à exclusão digital ganharam força no âmbito federal. Os programas se multiplicaram e hoje alcançam todo o território nacional.” (MEDEIROS, 2009, p.14)



O uso de smartphones para acessar a *internet* aparece com destaque entre os anos de 2011 e 2014, segundo dados da TIC Domicílios o percentual de brasileiros com 10 anos ou mais que acessou a *internet* por meio do aparelho mais do que triplicou no período, saltando de 15% para 47%. (PANORAMA SETORIAL DA INTERNET, 2016).

Mas o que, segundo Campos (*apud* Coutinho, 2014) vai permitir com que o *smartphone* realize, de forma virtual, “o ponto de ligação entre o indivíduo e o social” serão as redes sociais<sup>5</sup>. Os *sites* de redes sociais são comumente chamados de mídias sociais, tais como o *Facebook*, o *Youtube* e *Twitter*, ao que Torres classifica como “[...] sites na *Internet* que permitem a criação e o compartilhamento de informações e conteúdos pelas pessoas e para pessoas, nas quais o consumidor é ao mesmo tempo produtor e consumidor da informação.” (*apud* COUTINHO, 2014, p.19).

Pode-se observar, então, que estamos diante de um novo perfil de jovens indivíduos, que se coloca de maneira diferente diante das informações, já que tais redes virtuais permitem organizações sociais que “desafiam fronteiras, interconectadas e organizadas em torno de interesses comuns formando o que McLuhan (1972) já havia proposto anos atrás, embora com maior ênfase no contexto da globalização, de uma aldeia global” (COUTINHO, 2014, p.19-20).

No entanto, é importante destacar a desigualdade territorial da distribuição de acessos à *internet*, no Brasil. Dados do IBGE de 2009 apontam que a região Sudeste sozinha, representava 49,3% do total de domicílios brasileiros com acesso à *internet*, com destaque para as capitais, ao exemplo de São Paulo com 16% do total da região<sup>6</sup>. (MOTTA, 2012). “Confirmando o caráter eminentemente urbano do uso da *internet* no Brasil, o padrão geral é de aglomeração no Centro-sul do País.”, ressalta Motta (2012, on line).

Esse acelerado avanço das tecnologias de informação e comunicação transformam rapidamente a sociedade, no âmbito sociocultural e comportamental, de modo que, esta “se comunica de forma mais intensa, dinâmica e interativa do que em qualquer outra época,

---

<sup>5</sup> Segundo Torres (*apud* Coutinho, 2014, p.19), redes sociais virtuais seriam “[...] sites ou recursos que permitem a interação e a troca de informações entre pessoas, ou melhor, [...] redes de pessoas formadas por meio dos recursos dos sites que participam”.

<sup>6</sup> Dados do IBGE divulgados em 2018 apontam que, em 2016, as regiões Nordeste e Norte eram as únicas a apresentar taxas de indivíduos conectados inferiores à média brasileira, de 52,3% e 54,3%, respectivamente. Enquanto que o Sudeste possuía o maior índice, 72,3%, Centro-Oeste apresentou a taxa de 71,8% e no Sul, é de 67,9%. (AGENCIA DE NOTÍCIAS, IBGE, 2018).

impulsionada pelo surgimento das redes sociais virtuais, em que o acesso se dá em grande parte pelos *smartphones*.” (COUTINHO, 2014, p. 22)

### Uso de *internet* e mudanças cerebrais

As pesquisas sobre os efeitos que o excessivo acesso à *internet* provoca no cérebro humano são ainda incipientes e experimentais. No entanto, alguns autores já se arriscam com alguns pareceres.

Segundo os estudos de Small (s/a), a *internet* provoca grandes alterações no cérebro humano, o que pode estar modificando as formas de aprendizagem, o estado emocional e a percepção da realidade dos estudantes, em geral, (KUMAR, S. et all, 2018; RABADI, L. et all, 2017) e dos professores.

Gary Small é neurocientista e diretor do Centro de Pesquisas em Memória e Envelhecimento da Universidade da Califórnia (UCLA). A pesquisa de Small foi conduzida com voluntários de 55 a 76 anos que passaram por testes de ressonância magnética funcional durante buscas na web. A conclusão desta pesquisa aponta que a *internet* altera o funcionamento do cérebro, ativando áreas antes inoperantes.

No livro *iBrain: Surviving the technological alteration of the modern mind*, Gary Small e Gigi Vorgan<sup>7</sup> apontam importantes contribuições para os professores quanto ao uso de tecnologia para criar ambientes de aprendizagem significativos. (apud ACKERMAN)

Os autores apresentam pesquisas que indicam para as mudanças provocadas no cérebro humano pela *internet*, bem como a importância do papel dos adultos em ajudar os “nativos digitais” à usarem as tecnologias com responsabilidade. Os autores ressaltam a necessidade de atenção especial ao fato de que a *internet* provoca uso viciante, afetando a vida dos indivíduos e da sociedade como um todo. (apud ACKERMAN)

---

<sup>7</sup> Resenha escrita por Gary Ackerman, disponível em [https://www.researchgate.net/publication/304825925\\_Brief\\_review\\_of\\_iBrain\\_Surviving\\_the\\_technological\\_alteration\\_of\\_the\\_modern\\_mind\\_by\\_Gary\\_Small\\_and\\_Gigi\\_Vorgan](https://www.researchgate.net/publication/304825925_Brief_review_of_iBrain_Surviving_the_technological_alteration_of_the_modern_mind_by_Gary_Small_and_Gigi_Vorgan) [accessed Feb 28 2019]. É importante ressaltar que não há cópia disponível desse livro no Brasil.



Em entrevista à revista *Veja*<sup>8</sup> Small afirma que o uso de tecnologias altera o cérebro humano de modo que perdemos algumas habilidades e ganhamos outras. Segundo o neurocientista, quando as tecnologias são usadas excessivamente pode ocorrer a diminuição da “nossa capacidade de captar certos detalhes durante uma conversa. Deixamos de ‘ler’ as informações não verbais existentes em um bate-papo, como a postura corporal, os gestos e eventuais nuances no olhar.” (SMALL, s/p, s/a); além disso a quantidade excessiva de informações na *internet* nos faz migrar de um site para outro rapidamente e pode provocar aumento do transtorno do *déficit de atenção, hiperatividade e estresse*.

O neurocientista também aponta alguns pontos positivos quanto ao uso moderado da *internet*, a sua pesquisa realizada com pessoas entre 55 e 76 anos, mostrou que o uso da *internet* resulta em aumento significativo da atividade cerebral.

Ele ocorre em áreas envolvidas no controle de tomada de decisão e no raciocínio complexo, aquele que nos diferencia dos animais. (...) Significa que o uso da *web* pode fortalecer circuitos neuronais. Isso nos permite fazer mais com o cérebro, gastando menos energia. Após cinco dias de treino, todos os voluntários (mesmo os que não tinham familiaridade com a rede) mostraram maior atividade mental. (SMALL, s/p, s/a)

Desse modo, para ele “O impacto negativo potencial da nova tecnologia no cérebro depende muito do conteúdo, da duração e do contexto dessa exposição.” (SMALL, s/p, s/a). Essas pesquisas indicam alterações culturais e fisiológicas que os avanços tecnológicos, especialmente o acesso à *internet*, podem estar causando na vida dos indivíduos.

Diante desse contexto, a questão que se coloca é: *até que ponto as transformações provocadas pela Era Digital atingem o cotidiano das salas de aula das universidades*<sup>9</sup>?

### **As cotas sociais e raciais: implicações sobre o novo perfil discente.**

No Brasil, além desses fatores relacionados a Era Digital, existem outros que podem estar alterando o perfil de estudantes universitários do século XXI. Desde o início da década de 2000, as universidades públicas brasileiras começaram a estabelecer cotas em seus processos

---

<sup>8</sup> A *Internet* Transforma o seu Cérebro. Entrevista disponível em <https://www.methodus.com.br/artigo/409/a-internet-transforma-o-seu-cerebro.html>

<sup>9</sup> O recorte universitário se justifica por ser esse o lugar de formação de profissionais da educação cujo trabalho como professor, envolve diretamente a sala de aula e a formação de novos cidadãos.

de seleção para alunos de escolas públicas, bem como para populações negras e indígenas. A cada ano, essa realidade cresce, seja com o aumento do número de vagas direcionadas a esse público ou no número de universidades que aderiram ao sistema de cotas. Assim, se em 2006, os alunos das escolas públicas representavam 24,7% do total de alunos matriculados, em 2009 estes se tornaram 29,3%. (PIOTTO, NOGUEIRA, 2016)

Segundo estudos de Girotto (2017), os estudantes cotistas demonstram certa estranheza com a linguagem acadêmica, assim como dificuldades de compreensão dos textos e da produção escrita. Baseado especificamente em alunos matriculados no curso de geografia da Universidade de São Paulo, Girotto (2017) destaca dados interessantes sobre o perfil socioeconômico das famílias de estudantes em 2016, quando realizou as entrevistas. Em primeiro lugar, deve-se notar que, entre os estudantes pesquisados, os estudantes brancos dominam (64%), seguidos pelos estudantes pardos (17%), estudantes negros (13%) e estudantes amarelos (2%). Sessenta e sete por cento dos estudantes que se declararam brancos, trabalhavam, em comparação com 76% dos estudantes declarados negros. Sinalizando que uma grande proporção de estudantes do departamento de geografia da USP divide o seu tempo entre os estudos e o trabalho e que esse número é ainda maior entre os estudantes negros.

A renda familiar é outra evidência de diferenças socioeconômicas por cor. Trinta por cento dos estudantes brancos vieram de famílias com renda familiar inferior a três salários mínimos, enquanto que entre os estudantes negros esse percentual foi de 68%. Dos alunos pesquisados, 51% passavam mais de uma hora no trajeto entre suas moradias e a USP. Girotto (2017) também aponta que muitos dos alunos que estudam à noite (68%) saem mais cedo na aula para fazer o longo retorno.

Esses dados mostram que, no Departamento de Geografia da USP, há um número considerável de estudantes cujas famílias têm baixa renda, existe uma clara diferença socioeconômica entre os estudantes autodeclarados brancos e negros e a existência de estudantes-trabalhadores."(GIROTTO, 2017).

É possível que os problemas aqui discutidos comprometam o tempo disponível para que esses alunos se dediquem, com qualidade, aos estudos e experimentem as diferentes atividades acadêmicas propostas pela universidade.





Desse modo, nos parece que há urgente necessidade de que esses discentes sejam ouvidos, bem como os docentes que acompanham essas evidentes mudanças de perfil dos estudantes que chegam à universidade, a fim de que possam ser traçadas novas metodologias de ensino-aprendizagem que garantam a formação mais íntegra desses profissionais.

### **Resultados parciais: o que dizem os estudantes?**

Para tentar entender um pouco o perfil de estudantes do século XXI, baseado no levantamento bibliográfico antes exposto, realizamos entrevista<sup>10</sup> com estudantes do PIBID<sup>11</sup> do curso de Geografia da Universidade de São Paulo. Os estudantes entrevistados possuíam idades entre 18 a 24 anos, cursavam semestres variados do curso de Geografia, entre o 1º e o 7º semestre. Dentre os 9 estudantes entrevistados, apenas uma cursou o ensino médio em colégio particular. É importante ressaltar que, dos 8 estudantes da rede pública, 4 cursaram ensino médio técnico e 1 fez ensino médio à distância por morar na zona rural da Bahia, nesse período; e 4 deles ingressaram na USP pelo sistema de cotas.

Apenas dois estudantes recebiam auxílio financeiro dos pais para se manterem na universidade; os outros recebiam fomento financeiro do PIBID e declararam que esse dinheiro é fundamental para que não precisem trabalhar para sobreviver e possam dedicar mais tempo aos estudos.

Quanto ao local de moradia, três dos 9 estudantes residem na moradia estudantil (CRUSP), três moram próximo a USP e gastam entre 20 a 40 minutos para chegar na universidade. Dois dos entrevistados moram na Zona Sul e gastam entre 1h15 e 2h30 no trajeto até a universidade. Segundo os entrevistados, devido à sobrecarga de leitura, utilizam esse tempo de percurso dentro dos transportes públicos para estudar.

Questionamos se quando tinham aulas a noite era necessário pedir para sair mais cedo para dar tempo de voltar para casa. Eles declararam que a maior parte dos professores são compreensivos com essa questão e liberavam a turma um pouco mais cedo.

---

<sup>10</sup> Em caráter preliminar, ainda iremos entrevistar maior número de estudantes e alguns professores de Geografia do Departamento de Geografia da USP e do Instituto Federal de São Paulo, IFSP – São Paulo.

<sup>11</sup> Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

Foram indagados se sentiram dificuldades com a dinâmica acadêmica - linguagem dos textos e dos professores. A resposta unânime foi sim. Então, questionamos quais foram as maiores dificuldades:

Muitas, muitas. (Quais?) As dificuldades foi .... enfim, cheguei aqui em São Paulo sozinha, não tenho família aqui e minha família também não tem condição de ajudar e eu cheguei aqui e a carga de leitura era muita alta, as discussões já do primeiro ano eu não conseguia acompanhar porque, realmente, *eu não tinha capital cultural*<sup>12</sup> pra entender as aulas, então no primeiro semestre eu reprovei duas matérias, no segundo só consegui fazer duas também, então tive bastante dificuldade de acompanhar a linguagem acadêmica a quantidade de texto, a quantidade de discussão, conseguir me sustentar em São Paulo e vir pra aula, então foi complicado de várias formas. (G<sup>13</sup>, Informação verbal, 2019)

Além de G, todos declararam possuir dificuldades de compreender a linguagem dos textos e, às vezes, também a linguagem dos docentes. G destacou a ausência de capital cultural para acompanhar as aulas. Os estudantes revelaram que uma das maiores de suas dificuldades foi a existência de textos em outros idiomas na bibliografia básica das disciplinas. Sobre o assunto, um dos entrevistados apontou: “Eu entrei aqui sem saber o português direito, vou saber alemão.” (N, Informação verbal, 2019). Outro brincou “Eu ainda estou esperando a bateria chegar e anunciar que é aula trote (risos)” (R, Informação verbal, 2019). Enquanto isso, já tem quem arranjou estratégias para lidar com a dificuldade: “Se dão texto em outra língua eu falo ‘ah é facultativo’. (risos)”. (T, Informação verbal, 2019).

Desse modo, pudemos observar que, quanto aos aspectos socioeconômicos, nossos resultados corroboram com aqueles encontrados por Giroto (2017). Destacamos, em especial, o quanto o tempo gasto em transporte público compromete o tempo disponível para os estudos; a necessidades de auxílios (moradia, fomentos financeiros - do PIBID, por exemplo, alimentação) para se manterem estudando; e as dificuldades com a linguagem acadêmica e a sobrecarga de textos.

---

<sup>12</sup> Possivelmente VG faz referência aos estudos de Bourdieu e Passeron sobre as desigualdades de capital cultural entre os estudantes, segundo a origem social, gênero e características do passado escolar. Tal estudo pode ser encontrado em BOURDIEU, P.; PASSERON, J. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

<sup>13</sup> Optamos por não utilizar os nomes verdadeiros dos estudantes, a fim de preservar suas identidades.



Outro aspecto que tentamos investigar refere-se aos efeitos da Era Digital em suas vidas estudantis. Indagamos se a *internet* e as redes sociais ajudavam ou atrapalhavam os estudos. Em sua resposta, W apresentou os dois lados:

Eu acho que atrapalha porque você *quer sempre ver coisas diferentes* e tal e aí seu amigo posta um texto, o outro posta foto, quando você vê já está há duas horas lá mexendo no *Facebook* e esqueceu o livro. Mas, eu acho interessante porque tem o grupo da geografia e a galera vive mandando aviso importante: vai ter prova amanhã, e ninguém lembrava; tem o texto de tal matéria em tal lugar. Então, coisas super importantes. (...) quando você tem a possibilidade de responder uma pessoa ou ver uma foto nova no Instagram do que ficar naquele texto super denso, super chato que você não está entendendo, é muito mais gostoso você ir para o Instagram ver foto, ver *Facebook* do que você ficar na leitura. Mas, respondendo tua pergunta, eu acho que uso a *internet* mais pra coisas necessárias como (...) ler texto da faculdade, divulgar a semana de Geografia. (W, Informação verbal, 2019).

Interessante perceber como, diante da dificuldade imposta pela leitura do texto denso, o acesso fácil a *internet* se torna um a excelente válvula de escape. As palavras de T, quanto ao uso da *internet*, além de evidenciar a enorme capacidade de o conteúdo on line atrair sua atenção e lhe tirar dos estudos, também expressa um pouco como ele se sente diante de tal situação:

Com certeza, nada que seja necessário. A maior parte eu uso é pra coisas desnecessárias, eu queria que fosse pra necessárias, tipo ler os textos que eu preciso mas eu olho e me pego mexendo no celular e já passou uma hora, eu leio duas páginas, volto a olhar o celular de novo e me perco todo (...) Eu me sinto fraco, na real, porque eu perco pra mim mesmo. (T, Informação verbal, 2019).

Diante do duelo com o fácil acesso à *internet*, S também expressa sua inquietude:

Eu estou nesse processo de não usar mais o *Wh*, e aí eu penso muito naqueles termos do Milton que é: a gente está o tempo todo sendo bombardeado por informação mas, ao mesmo tempo, *são informações rasas*. Então ao mesmo tempo que é bom para os estudos porque, a todo momento está chegando informação, né? Só que, de que forma é essa informação? Muitas vezes é uma informação extremamente superficial e, as vezes, *a gente lê só a manchete e não se aprofunda. E também, até no sentido afetivo, nesses tempos de violência, as notícias que estão chegando afetam a gente de uma maneira*

*meio psicológica*. Então acho que tem esses dois...” (S, Informação verbal, 2019).

O relato de S corrobora com as investigações de Small (2018) quanto aos efeitos da *internet* no cérebro humano, quando ele destaca que “sacrificamos a profundidade pela amplitude” das informações.

É importante chamar atenção quando S relata a forma como as notícias afetam o seu estado psicológico. A relação entre o uso excessivo de *internet* ter efeito viciante e provocar transtornos psicológicos como depressão, tem aparecido cada vez mais em pesquisas internacionais de diversas áreas: neurocientistas, psicólogos, educadores. Os estudos de Kumar (2018) e Rabadi (2018) concluíram que o vício na *internet* pode provocar danos à saúde mental dos estudantes e diminuir seu desempenho acadêmico.

Small (2018), também chama a atenção da possibilidade de, a exposição excessiva à *internet*, provocar déficit de atenção, hiperatividade e estresse. Quando perguntamos para os estudantes entrevistados se eles sentem ansiedade quando precisam estudar e perdem horas nas redes sociais, um deles respondeu prontamente:

Ah, ansiedade é a todo momento, isso daí já não tem mais como controlar mas, eu me sinto mal porque eu tinha que ter lido e eu falo ‘Mano, vou ter que tirar das horas do meu sono agora pra poder compensar isso’. Eu penso, na verdade, que foi uma burrice que eu fiz. (T, Informação verbal, 2019).

Será que a sobrecarga de informações recebidas diariamente pelas redes sociais e mídia em geral, colabora com a ansiedade? Todos os estudantes respondem que sim. S acrescenta,

Eu estou nesse processo de tentar entender até onde as redes sociais afetam ou *internet* como um todo, porque você está o tempo todo recebendo informação e você vai ficando ligado com isso. E, as vezes, conseguir parar e organizar o que está sentindo, só é possível quando você dá uma distanciada. (S, Informação verbal, 2019).



A ansiedade, o excesso de atividades acadêmicas, os sentimentos de frustração, culpa, somam-se ainda a ausência de tempo para as atividades físicas e de lazer, apontadas pelos estudantes.

Diante do exposto, surgem reflexões acerca de como a universidade e os docentes têm dialogado com as inquietações desses estudantes, construindo processos de ensino-aprendizagem que possibilitem aos estudantes um efetivo processo de escolarização. Buscaremos, na seção final deste texto, discutir como as princípios e concepções da pedagogia de Paul Freire pode contribuir neste debate.

### **Contribuições da pedagogia freiriana à guisa das considerações finais**

Diante deste novo perfil de estudante expresso, em partes, nos relatos aqui apresentados, que mudanças nos processos de ensino-aprendizagem seriam necessárias nas universidades para que, de fato, se garanta o direito à plena escolarização destes sujeitos? Para tanto, propomos a contribuição da pedagogia freiriana para lidar com as questões mencionadas.

Para Paulo Freire “a educação padece da doença da narração” (1980, p.78-79). O professor fala da realidade como se esta fosse sem movimento, estática, separada em compartimentos e previsível. Ao invés de usar a comunicação o professor dá comunicados, que os estudantes devem pacientemente aprender e reproduzir. A concepção bancária é antidialógica por natureza.

Nessa concepção, a única ação que resta ao estudante é ouvir e guardar os conteúdos, bloqueando a criatividade, o saber e a transformação, considerando que é na criação e recriação que existe o saber.

Já a educação como prática de liberdade e emancipação, proposta por Freire (1987), é dialógica e problematizadora. Nela, os estudantes são sujeitos ativos na construção de sua própria história. O ambiente educacional é um espaço de encontro onde os conteúdos a serem estudados serão construídos no diálogo entre professores e estudantes, mediatizados pela realidade. Ou seja, o conteúdo precisa fazer diálogo com a realidade, não sendo mais abstratos e vazios. Ao dialogar com a realidade, os estudantes serão desafiados a questionar as condições em que estão inseridos, o que, mediante a pesquisa, os levará ao diálogo entre o local e o global

e, além de tudo, à intervenção nos limites impostos pelas condições apresentadas. Pois não é possível se sentir apto a intervir num ‘conteúdo’ abstrato que não pertence a sua realidade. O diálogo com a realidade possibilita a formação de cidadão, ou seja, sujeitos reflexivos e interventivos na construção de suas realidades.

Os estudantes entrevistados, quando indagados sobre qual modelo de aula gostariam de ter, evidenciaram esse anseio por diálogo entre discentes e docentes, e do conteúdo com a realidade. O relato de T expressou bem o desejo apontado na fala de todos, afirmando que gosta das aulas “que promovem o diálogo dentro de sala, acho que inclusive por causa do meu ensino médio que era só um cara falando e você escuta, absorve e leva aquilo não pra vida” (Informação Verbal, 2019)

Desse modo, nossos estudos bibliográficos e os relatos dos estudantes leva-nos a crer que a proposta de pedagogia freiriana vai ao encontro dos anseios dos estudantes do século XXI. Além disso, parece urgente a necessidade de as universidades e o corpo docente olhar com mais atenção e cuidado para o novo perfil de estudantes, futuro cidadãos brasileiros, a fim de contribuir com uma formação mais íntegra e contrapor às demandas de mercado que esmagam a saúde mental e física dos discentes.

### Referências Bibliográficas

ACKERMAN, Gary. **Brief review of iBrain: Surviving the technological alteration of the modern mind by Gary Small and Gigi Vorgan.** Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/304825925\\_Brief\\_review\\_of\\_iBrain\\_Surviving\\_the\\_technological\\_alteration\\_of\\_the\\_modern\\_mind\\_by\\_Gary\\_Small\\_and\\_Gigi\\_Vorgan](https://www.researchgate.net/publication/304825925_Brief_review_of_iBrain_Surviving_the_technological_alteration_of_the_modern_mind_by_Gary_Small_and_Gigi_Vorgan). Acesso em: 28 de Fevereiro de 2019.

COUTINHO. Gustavo Leuzinger. **A Era dos Smartphones: Um estudo Exploratório sobre o uso dos Smartphones no Brasil.** – Monografia - Curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Brasília, 2014. Disponível em <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9405/1/2014\\_GustavoLeuzingerCoutinho.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9405/1/2014_GustavoLeuzingerCoutinho.pdf)> Acesso em: 07/03/2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** 3ª ed. São Paulo: Moraes, 1980.



GIROTTO, E.D. A classe trabalhadora vai a universidade: análise das implicações político-pedagógicas a partir dos dados do departamento de geografia – USP. Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege). p.209-235, V.13, n.20, jan./abr. 2017.

KUMAR, Sandeep et all. **Relationship of internet addiction with depression and academic performance in Indian dental students.** Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6082606/>. Acesso em: 07 de Março de 2019.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1999.

MEDEIROS, Marcelo. **Políticas públicas de inclusão digital no governo Lula (2002-2008): análise e primeiros resultados.** Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-20091/Políticas%20publicas%20de%20inclusao%20digital%20no%20governo%20Lula.pdf>. Acesso em 13 de Outubro de 2018.

MOTTA, Marcelo Paiva da. **Os acessos fixos à internet no Brasil e suas tecnologias.** Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/7592?lang=pt>. Acesso em: 13 de Outubro de 2018.

PANORAMA SETORIAL DA INTERNET. **Acesso à Internet no Brasil: Desafios para conectar toda a população.** Março | 2016 Ano 8 – Número 1. Disponível em: [https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/6/Panorama\\_Setorial\\_11.pdf](https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/6/Panorama_Setorial_11.pdf). Acesso em: 13 de Outubro de 2018.

PIOTTO, Débora Cristina; NOGUEIRA, Maria Alice. **Incluindo quem?** Um exame de indicadores socioeconômicos do Programa de Inclusão Social da USP. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022016000300625](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022016000300625): Acesso em 13 de Outubro de 2018.

PRENSKY, Marc. **Digital natives, Digital immigrants.** On the Horizon. United Kingdom, MCB University Press, v. 9, n° 5. 2001. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em: 03 de Janeiro de 2017.

RABADI, Laith et all. **The Relationship between Depression and Internet Addiction among University Students in Jordan.** Disponível em: <https://www.omicsonline.org/open-access/the-relationship-between-depression-and-internet-addiction-among-university-students-in-jordan-2155-6105-1000349.pdf>. Acesso em: 07 de Março de 2019.

REVISTA EXAME. Apesar de expansão, acesso à internet no Brasil ainda é baixo. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/apesar-de-expansao-acesso-a-internet-no-brasil-ainda-e-baixo/>. Acesso em: 13 de Outubro de 2018.



SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica, Tempo, Razão e Emoção**. 4ªed. São Paulo: EdUSP, 2008.

SMALL, Gary. **A Internet Transforma o seu Cérebro**. Entrevista disponível em: <https://www.methodus.com.br/artigo/409/a-internet-transforma-o-seu-cerebro.html>. Acesso em: 04 de Fevereiro de 2019.

VEEN, Wim. **Homo Zappiens and the Need for New Education Systems**. Disponível em: <http://www.oecd.org/edu/ceri/38360892.pdf> acesso em 07/03/2016. Acesso em: 07 de Março de 2016.

VEEN, Wim; VRAKING Ben. **Homo Zappiens – Educando na era digital**. Tradução: Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2009.